

DNA: a linguagem de Deus?

Paulo Faitanin - UFF



DNA

1. Tema: Galileu Galilei já havia dito ser o universo *escrito em caracteres matemáticos*. Durante certo tempo vigorou entre os cientistas esta visão acerca da linguagem divina. Atualmente, o biólogo americano Francis Collins, um dos cientistas mais notáveis da atualidade, vê no DNA a linguagem que Deus utilizou para fazer o homem. Diretor do Projeto Genoma foi um dos responsáveis pelo mapeamento do DNA humano, em 2001. Collins defende a idéia de que a investigação do mundo natural não impede a profissão da fé religiosa. Alvo de críticas de seus colegas, cuja maioria nega a existência de Deus, Collins decidiu reagir lançando há pouco o livro *The Language of God*. New York: Free Press, 2006 (*A Linguagem de Deus*. São Paulo: Editora Gente, 2007). Nas 300 páginas da obra, o biólogo conta como deixou de ser ateu para se tornar cristão aos 27 anos e narra as dificuldades que enfrentou no meio acadêmico ao revelar sua fé. “As sociedades precisam tanto da ciência como da religião. Elas não são incompatíveis, mas complementares”, explica o cientista em entrevista publicada pela revista *Veja*, 25-1-2007.

2. Análise: Qual é a linguagem de Deus? Propriamente falando é linguagem espiritual. É palavra, porque Deus é Pessoa. Na criação encontra-se a expressão dessa Palavra, mas com ela não se identifica. A fé ensina que só Cristo é a Palavra do Pai. O mundo espiritual é semelhança desta Palavra e o mundo material, apenas vestígio. Pode-se dizer, no entanto, que as coisas criadas ou produzidas a partir da matéria, como o corpo humano, são apenas vestígios da Palavra divina. De um modo poético e metafórico pode-se referir ao DNA como linguagem de Deus, mas só deste modo. A riqueza da linguagem de Deus transcende a qualquer linguagem científica. Isso é óbvio. Nem os números e nem o DNA dão conta de expressar ou esgotar a linguagem de Deus. Galileu e Collins, cada qual a seu modo e em seu tempo, profundamente tocados por suas valiosas descobertas científicas, não vacilaram em reconhecer a expressão de Deus no que descobriram. Tomás de Aquino já, muito antes deles, propôs as vias racionais da demonstração da existência de Deus. É claro que o DNA não é uma via metafísica, mas um dado de pesquisa científica que subministra para a metafísica um argumento empírico, de que na natureza encontram-se elementos que, de um modo ou de outro, são vestígios da sabedoria divina, mas que não esgotam a supremacia da expressão espiritual da linguagem divina. A bela obra de Collins não pode ser

utilizada com a pretensão de ser válida como argumento filosófico da necessária demonstração da existência de Deus. Disso o autor tem consciência e isso não é papel da ciência, mas da filosofia. A ciência colabora com a filosofia na medida em que na busca da verdade da realidade empírica fornece elementos que reforçam o argumento metafísico, dando-lhe bases científicas. E a Filosofia colabora com a teologia enquanto lhe subministra argumentos não para demonstrar os dados de fé, mas para auxiliar em sua exposição. A obra de Collins vale como um testemunho vigoroso no meio científico de que a pesquisa natural não se opõe à profissão de fé. Com relação ao trabalho específico: qual é a diferença entre um cientista que crê daquele que não crê? Nenhuma. Se houver diferença, esta será com relação à intenção última a que se dirige a pesquisa. O não crente procura buscar informação no dado científico que possa servir não só para o fim específico da pesquisa, mas que sirva também de resposta para seus questionamentos pessoais. Em última análise, se para o não crente Deus não existe, tudo se explicaria pela ciência. O crente não! Sua pesquisa busca informação no dado científico que possa servir para o fim específico da pesquisa, pois não busca senão verificar o dado empírico, porque já tem assegurado um lugar onde deve buscar as respostas para as questões mais transcendentais de sua vida. Alguém diria: mas a situação do cientista que crê é cômoda? Não! Porque nem sempre os dados empíricos pesquisados estão efetivamente de acordo com a verdade de fé que professa. E quando isso ocorre pode haver duas causas: ou os dados da ciência são provisórios ou errôneos ou o conteúdo da verdade de fé não está sendo compreendido. E se acaso estiverem, justifica-se sua ciência em concílio com a fé. Foi o que pareceu acontecer com Collins. O cientista crente tem consciência que este desacordo não é contradição entre as duas verdades, mas possivelmente ignorância da razão na pesquisa do dado científico ou da fé no conhecimento da revelação. Por outro lado, o não crente parece não se encontrar também numa situação cômoda. Se nada descobre, continua sua pesquisa. Se descobrir algo muito valioso, esta descoberta não cessa suas angústias pessoais. Em um e outro caso, a única vantagem do cientista crente é a da certeza que a ciência não pode dar a última resposta para os seus anseios mais íntimos, pessoais e transcendentais, seja qual for o resultado e importância de sua pesquisa.